

Antologia dos Poetas Brasileiros

ORGANIZAÇÃO DE:

MANUEL BANDEIRA

*Poesia da
fase romântica*



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

80-1-100
An 637r
1996

© Direitos da publicação gentilmente cedidos pela Ediouro S.A.

EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.
Rua Bambina, 25 – Botafogo
CEP: 22251-050 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: 537-8770 – Fax: 286-6755
Endereço telegráfico: NEOFRONT

Preparação de originais
Alexei Bueno

Revisão tipográfica
Maria José de Sant'Anna
Ana Lúcia Kronemberger

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

A637 Antologia dos poetas brasileiros: poesia da fase romântica / organização, Manuel Bandeira; revisão crítica, em consulta com o autor, por Aurélio Buarque de Holanda. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. — (Antologia dos poetas brasileiros; 2)

ISBN 85-209-0713-X

1. Antologias (Poesia brasileira) 2. Poetas brasileiros
3. Romantismo — Brasil. I. Bandeira, Manuel, 1886-1968
II. Título: Poesia da fase romântica. III. Série.

96-0536

CDD – 869.91008
CDU – 0(81)-1 (082)

3897

03.59.88-0

PREFÁCIO

Sílvio Romero, em sua *História da literatura brasileira*, nomeia e estuda os seguintes poetas da fase romântica: Maciel Monteiro, Sapucaí, Odorico Mendes, Francisco Moniz Barreto, Barros Falcão, os irmãos Queirogas, Francisco Bernardino Ribeiro, Firmino Rodrigues Silva, Álvaro Teixeira de Macedo, José Maria do Amaral, Magalhães, Porto Alegre, Teixeira e Sousa, Joaquim Norberto, Dutra e Melo, Francisco Otaviano, Paranapiacaba, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Aureliano Lessa, Bernardo Guimarães, José Bonifácio o moço, Laurindo Rabelo, Junqueira Freire, Antônio Augusto de Mendonça, Franco de Sá, Teixeira de Melo, Casimiro de Abreu, Pedro de Calasãs, Bittencourt Sampaio, Gomes de Sousa, Elzeário Pinto, Franklin Dória, Trajano Galvão, Gentil-Homem de Almeida Braga, Bruno Seabra, Joaquim Serra, Joaquim de Sousa Andrade, Juvenal Galeno, Pedro Luís, Fagundes Varela, Luís Gama, Rosendo Moniz Barreto, Tobias Barreto, Castro Alves, Vitoriano Palhares, Melo Morais Filho, Luís Guimarães e Luís Delfino. Registra ainda os nomes de Joaquim José Teixeira, Manuel Pessoa da Silva, Torres Bandeira, Augusto Colin, padre Correia de Almeida, Sinfrônio Olímpio Álvares Coelho, Antônio Félix Martins, José Maria Velho, Agrário de Meneses, Castro Lopes, Machado de Assis, Macedo Soares, Santa Helena Magno, Vilhena Alves, Severiano Bezerra, Costa Ribeiro, José Coriolano, Ferreira de Meneses, Macedo, Constantino Gomes de Sousa, Eduardo de Sá, Pires Ferrão, Rodrigues da Costa, Gualberto de Passos, Dias Carneiro, Gomes Castro, Marques Rodrigues, Benício Fontenelle, Pais de Andrade, Joaquim Es-

teves, Pedro Moreira, José Jorge, Justiniano de Melo, Eugênio Fontes, Epifânio Bittencourt, Lisboa Serra, Celso de Magalhães, Antônio da Cunha Rabelo, Augusto Raiol, A. Vale de Carvalho, A. César de Berredo, A. A. de Carvalho Oliveira, Aires da Serra Souto Maior, Caetano Catanhede, Sousa Gaioso, Cestino Franco de Sá, Coriolano Rosa, Eduardo de Freitas, Sotero dos Reis, José Jauffert, Belfort Serra, José Pereira da Silva, José Mariano da Costa, J. Emiliano Vale de Carvalho, Silva Maçarona, João Antônio Coqueiro, Jesuína Serra, Vieira da Silva, Vieira Ferreira, Luís Quadros, Maria Firmina dos Reis, Pereira e Sousa, Pedro Catanhede, Raimundo Brito Gomes de Sousa, R. Alexandre Vale de Carvalho, Carvalho Figueira, Raimundo Pereira e Sousa, Ricardo Henriques Leal, Valentiniano Rego, Severiano de Azevedo, Pimentel Beleza, Plínio de Lima, Sousa Pinto, Generino dos Santos, Múcio Teixeira, Luís Murat... Não sei se ter-me-á escapado algum.

Na *História da literatura brasileira* o movimento romântico está discriminado em seis fases. Na *Evolução da literatura brasileira* (Campanha, 1905) o crítico não fala mais em seis fases: assinala “momentos”, cinco momentos. Primeiro momento (a partir de 1830 ou pouco depois): *Segunda Escola Fluminense*, com o triunvirato inicial de Magalhães, Porto Alegre e Gonçalves Dias; três divergentes — Moniz Barreto (em torno do qual se grupou a *Segunda Escola Baiana*), Maciel Monteiro e Laurindo Rabelo. Segundo momento (a partir de 1848 ou pouco antes): *Primeira Escola Paulista*, com o triunvirato byroniano de Álvares de Azevedo, Aureliano Lessa e Bernardo Guimarães. Terceiro momento (a partir de 1855 ou pouco antes): os epígonos de Byron, Musset e Lamartine, com Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, Pedro de Calasãs, Constantino Gomes, Antônio Augusto de Mendonça, etc... e aos quais se prende, logicamente, Fagundes Varela. Quarto momento (a partir de 1858 ou pouco antes): os sertanistas, tradicionalistas e campesinos (*Escola Maranhense*), com Trajano Galvão, Gentil Homem, Dias Carneiro, Joaquim Serra, etc., aos quais se prendem, logicamente e cronologicamente, Franklin Dória, Bittencourt Sampaio, Juvenal Galeno, Bruno Seabra e Melo Morais Filho. Divergentes do segundo e terceiro momentos imediatamente anteriores — José Bonifácio o moço e Luís Delfino, precursores do hugoanismo condo-

reiro, e aos quais se prendem Pedro Luís e Gomes de Sousa; Teixeira de Melo, Machado de Assis e Luís Guimarães, precursores do parnassianismo. Quinto momento (de 1862 a 1870 e anos próximos): os condoreiros, com Tobias Barreto, Castro Alves, Vitoriano Palhares, Carlos Ferreira, Quirino dos Santos, Elzeário Pinto, etc. Muitos dos poetas citados entre os românticos na *História da literatura brasileira* aparecem na *Evolução da literatura brasileira* filiados ao movimento de reação contra o romantismo: assim, Teixeira de Sousa, Celso de Magalhães, Generino dos Santos, Luís Murat, Múcio Teixeira.

José Veríssimo, que escreveu a sua *História da literatura brasileira* depois de 1900 (a introdução traz a data de 4 de dezembro de 1912), foi mais discreto do que Sílvio Romero na fixação dos valores românticos. Estudou Magalhães, Porto Alegre, Teixeira e Sousa, Pereira da Silva, Joaquim Norberto (estes dois mais como criadores da nossa história literária), Macedo e José Maria do Amaral, nomeando a seguir Joaquim José Teixeira, José Maria Velho da Silva, Antônio Félix Martins, Firmino Rodrigues Silva, Sapucaí, Antônio Augusto Queiroga, Francisco Moniz Barreto e Maciel Monteiro; demora-se em Gonçalves Dias e o grupo maranhense — Gomes de Sousa, Lisboa Serra, Trajano Galvão, Franco de Sá, dedicando a cada um deles algumas linhas, e menciona em seguida os nomes de Gentil-Homem, Celso de Magalhães, Marques Rodrigues, Dias Carneiro, Augusto Colin, Frederico Correia, frei Custódio Ferrão, Vieira da Silva, Sousa Andrade e Antônio Henriques Leal — todos classificados na primeira fase romântica. Na segunda fase estuda Veríssimo os seguintes poetas: Bernardo Guimarães, Álvares de Azevedo, Laurindo Rabelo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, e a seguir, como “poetas menores”, Francisco Otaviano, José Bonifácio o moço, Pedro Luís, Teixeira de Melo e Aureliano Lessa. Como “últimos românticos” classifica e estuda Tobias Barreto, Castro Alves, Fagundes Varela, Machado de Assis e Luís Guimarães.

Ronald de Carvalho, muito mais moço que Romero e Veríssimo, contemporâneos ainda dos últimos românticos, mais sensível do que os dois à essência e à técnica da poesia pôde apresentar em sua *Pesquisa histórica da literatura brasileira*, escrita por volta de 1950 um balanço mais claro do nosso movimento romântico. Discrimina quatro fases:

a) Magalhães e a poesia religiosa, onde estuda ainda Porto Alegre e nomeia Teixeira e Sousa, Pereira da Silva e Norberto; b) Gonçalves Dias e a poesia da natureza; c) Álvares de Azevedo e a poesia da dúvida, onde estuda também Laurindo Rabelo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu e Fagundes Varela, a quem assinala como figura de transição, com Machado de Assis e Luís Guimarães, entre o romantismo e o parnasianismo; d) Castro Alves e a poesia social, e neste capítulo estuda também a figura de Tobias Barreto. Nomeia a seguir, com uma ou outra anotação rápida, Francisco Otaviano, Paranapiacaba, Dutra e Melo, Aureliano Lessa, José Bonifácio o moço, Bernardo Guimarães, Teixeira de Melo, Pedro Luís, Trajano Galvão, Bittencourt Sampaio, Gentil-Homem, Melo Moraes Filho, Vitoriano Palhares, Moniz Barreto (o repentista), Luís Gama, Bruno Seabra e Joaquim Serra, a todos os quais qualifica de “poetas menores”.

O critério a que obedeci na organização desta antologia coincide sensivelmente com o juízo de Ronald de Carvalho, que é, creio, o consenso da atualidade. Os nossos grandes poetas da fase romântica são Gonçalves Dias, Castro Alves, Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu e Fagundes Varela; vêm depois Bernardo Guimarães e Laurindo Rabelo. Esses, os que deixaram obra que, em bloco, testemunha forte e decidida vocação poética. Ao lado das suas produções, as dos outros, mesmo as dos que se exprimiram com mais correção de linguagem e de forma, como um Teixeira de Melo, por exemplo, soam fraquíssimas aos nossos ouvidos — poesia de diletantes em suma. Poesia morta e enterrada. No entanto Otaviano, parco versejador, deixou dois pequenos poemas — o soneto “Morrer, dormir...” e as “Ilusões da Vida” — que resistiram ao tempo; o segundo forneceu mesmo à nossa língua uma frase feita — a “branca nuvem”. Maciel Monteiro, talvez o mais diletante de todos, resiste no famoso soneto que vai incluído neste volume. Alguns, como Melo Moraes Filho, sobrevivem ainda em uma ou outra modinha.

Machado de Assis, Luís Guimarães e Luís Delfino soçobraram como puros românticos. *As ocidentais*, onde se contêm alguns dos mais admiráveis poemas da nossa língua, não devem nada ao romantismo. Luís Guimarães corrigiu-se e depurou-se com os parnasianos. Luís Delfino constituiu um caso singular em nossa poesia: ao seu rico fundo român-

tico incorporou o brio parnasiano e mais tarde alguma coisa do nosso simbolismo — há um pouco de tudo isso nos seus mais belos sonetos.

Notar-se-ão neste volume algumas exclusões, que me cumpre justificar. Porto Alegre, em primeiro lugar. É inegável a influência por ele exercida ao lado de Magalhães. Os temas das *Brasilianas* são todos tomados à natureza e à vida nacional. “Cultivando este gênero de poesia”, escreveu o autor do prefácio de *Colombo* (edição do Instituto Histórico, Rio, 1892), “foi seu principal intento despertar o gosto pela poesia americana, e cumpre reconhecer que o realizou, criando imitadores, entre os quais o nosso saudoso poeta Gonçalves Dias, que não ocultava dever as suas primeiras inspirações às *Brasilianas*.” Esse o seu principal mérito. As qualidades melhores de Porto Alegre não são de poeta, no fundo frio, mas de desenhista e pintor. Pode-se admirar no poema *Colombo* o seu vigor descritivo, o seu domínio da língua e da métrica. Poucos escritores nossos usaram de tão rico vocabulário. Mas essa mesma riqueza está constantemente a prejudicar a clareza dos seus quadros ou a emoção que nos pretende comunicar.

Os condoreiros vão aqui escassamente representados. A verdade é que o único verdadeiro condor foi Castro Alves. Os outros eram uns falsos condores. Não me animei a colocar a famosa “*Terribilis Dea*”, o menos mau dos poemas de Pedro Luís, ao lado do “Navio negreiro”, das “Vozes d’África” ou de “O gênio da humanidade”. Os falsos condores foram muitos. A abolição e a guerra do Paraguai — sobretudo a guerra do Paraguai — suscitou toda uma literatura de invectivas empoladíssimas: basta correr os olhos no *Correio Mercantil* de 1865. Nabuco — até Nabuco — insultou, patrioticamente, o López (*Correio Mercantil*, número de 30 de janeiro de 1865).

* * *

Teixeira de Melo era já ao tempo em que Romero escrevia a *História da literatura brasileira* um poeta esquecido. E o crítico sergipano, que, a despeito de seu temperamento combativo, tinha no fundo uma alma boa e generosa, tentou corrigir o que lhe parecia uma injustiça dos seus contemporâneos. A sua apologia, porém, não é convincente. Depois de citar três estrofes medíocres das *Sombras e sonhos*, aponta como “melhor ainda”, estas duas sextilhas:

“Onde haja musgo em que teça
Um ninho em que eu adormeça
Com meus amores implumes;
Onde não vinguem espinhos;
Onde o sol entre carinhos
Viva de azul e perfumes!

“Procurei no mundo todo
Um ponto, perla no lodo,
Onde o amor fosse verdade!
Onde a vida fosse um lago!
Nosso baixel... um afago!
Nossa brisa... a mocidade!”

E comenta: “É o lirismo alado do XIX século.” Acrescenta a seguir “Eis ainda superior:

“A cada riso dela eu via o mundo
“Sumir-se a nossos pés e o céu se abrir!
“Então eu m’esquecia de mim mesmo,
“Do mundo que a esperava e do porvir!

“A tarde era uma aurora mais risonha,
“A insônia minha eterna companheira,
“Sílfi de o tempo, as ilusões um berço
“Em que pensei dormir a vida inteira...”

A mim me parece que nada há a reter dessa poesia de lugares-comuns. No entanto Romero lhe achava “alguma coisa que lembra Victor Hugo nos bons tempos, quando ele não tinha inda gongorismos, a fase em que escreveu *Sara la baigneuse* e outras jóias desse quilate.”

Erro de contemporâneo. Houve muitos na fase romântica. Assim, Norberto, no “Bosquejo da história da poesia brasileira”, em *Modulações poéticas*, Rio, 1841, diz a propósito da *Voz da natureza*, de Porto Alegre: “É a natureza exprimida pelo gênio! E há quem negue uma imaginação ardente, repleta de poesia, ao sr. Manuel de Araújo Porto Alegre!” No Prefácio aos *Vãos icários*, de Rosendo Moniz Barreto, Francisco Otaviano escreve: “De minha mocidade, que se gastou nas lutas políticas, nada salvei, senão a fidelidade ao culto dos grandes engenhos que iluminaram o meu caminho, e sobretudo daqueles que eu já reconhecia estrelas de primeira grandeza, quando começaram a cintilar quase imperceptíveis, com Gonçalves Dias, José Bonifácio, Ma-

cedo, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Carlos Guido, Junqueira Freire, Silveira de Sousa, Pedro Luís." Nos prefácios do tempo é comum encontrarem-se nomes como o de Silveira de Sousa emparelhados com os de Gonçalves Dias e Castro Alves.

No grupo nortista que cultivou a poesia campesina, sertanista, não encontrei nada aproveitável senão o "Cajueiro pequenino", de Juvenal Galeno e a "Açucena", de Bruno Seabra. De todos esses poetas se pode dizer o que Machado de Assis escreveu no *Diário do Rio de Janeiro*, 1886, nº 79, de certas canções de Galeno: "postas na boca de um tipo imaginado, exprimem apenas os sentimentos do autor." Falta-lhes a indispensável ingenuidade.

Voltando à lista de Sílvio Romero: li todos esses poetas. Dos que não deixaram livro, pesquisei-lhes as produções em coletâneas, revistas e jornais: não me parece que se tenha dado nenhum caso de injusto esquecimento. Por mim, reclamaria maior atenção para Bernardo Guimarães, cujo "O devanear do céptico" é um dos poemas importantes do romantismo, e para "A bodarrada", de Luís Gama, que reputo a melhor sátira da poesia brasileira.

* * *

Esforcei-me por que nesta antologia se refletisse todo o movimento romântico, tanto nos seus processos de técnica poética — construção do poema, da estrofe e do verso —, como na sua inspiração e sensibilidade geral, nos seus temas principais — a sua religiosidade, o seu amor da natureza, o seu liberalismo, o seu lirismo amoroso, etc.

Não sobrecarreguei este prefácio de considerações críticas sobre cada um desses pontos, todos suscetíveis de largos debates. Todavia, quero passar para estas páginas o que Capistrano de Abreu anotou acerca do nosso indianismo. Está na 1ª série dos *Ensaio e estudos*, edição da Sociedade Capistrano de Abreu, Rio, 1931, p. 93-95, mas tenho verificado que é mal conhecido.

"O indianismo", escreveu o mestre em *O Globo* de 18 de dezembro de 1875, "é um dos primeiros pródromos visíveis do movimento que enfim culminou na independência: o sentimento de superioridade a Portugal. Efetivamente era necessária grave mudança nas

condições da sociedade, para que a inspiração se voltasse para as florestas e íncolas primitivos, que até então evitara, mudança tanto mais grave quanto o indianismo foi muito geral para surgir de causas puramente individuais.

“A verdadeira significação do indianismo é dada pelos contos populares. Neste ponto serei forçosamente incompleto, pois as observações referem-se apenas à nossa província; mas a lacuna será uma confirmação indireta, porque se no Ceará, onde o movimento emancipador foi lento, a florescência foi tão exuberante, podemos calcular qual e quão importante seria em outras províncias que lhe serviram de centro.

“Esses contos, tendo por herói eterno o caboclo e o marinheiro, são documentos mais importantes para a nossa história, e escrevê-la sem estudar os contos satíricos é tão ilusório como apanhar o caráter nacional sem interpretar os contos *épico-fantásticos*.

“Nos contos satíricos facilmente se reconhecem três camadas. Na primeira o *marinheiro* aparece em luta contra a Natureza brasileira, abarcando *enxuí* por ema, comendo *os ovos do pássaro biabo*, pasmo de vê-lo saber ler; na segunda aparece o caboclo em luta contra a civilização, reproduzindo cenas semelhantes às que Molière pintou em *Mr. de Pourceaugnac*.¹ Nestas duas correntes antagonicas pode-se, *a priori*, ver sintomas e resíduos das lutas e rivalidades. Um fato que agora mesmo se está passando confirma a *posteriori* esta sugestão. Refiro-me ao que sucede em São Paulo e em Minas: paulistas e mineiros antipatizam-se mútua e hereditariamente. Pois bem: vazam os seus sentimentos em contos exatamente iguais aos que resultaram do antagonismo dos colonos portugueses.

“Na terceira camada o herói é ainda o caboclo; mas o ridículo como que está esfumado, e através, sente-se não só a fraternidade como o desvanecimento. É a estes últimos contos que se prende o indianismo, cujo espírito se assemelha ao que levou *Gueux*² e *Sans-culotte* e adotarem, vangloriando-se o nome com que os tentaram estigmatizar.”

¹ Está “*Pourceaupines*”.

² Está “*Gneva*”.

Como se vê, para Capistrano o indianismo, longe de ser a planta exótica mal transplantada pelos românticos, tinha raízes fundas em nossa literatura popular. A idealização do índio correspondia perfeitamente ao sentimento nacional: ela é anterior ao romantismo e não desapareceu com ele. Será, se quiserem, um erro nacional. O que me parece inadmissível é querer filiar o indianismo romântico à simples influência de Chateaubriand e Fenimore Cooper.

Sobre o lirismo amoroso dos românticos convém ler o capítulo "A mulher e o homem" em *Sobrados e mocambos*, de Gilberto Freyre (Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1936). O sociólogo pernambucano mostrou como se ajustava ao patriarcalismo da nossa formação aquele culto diferenciador da mulher, o qual, "bem apurado, é, talvez, um culto narcisista do homem patriarcal, do sexo dominante, que se serve do oprimido — dos pés, das mãos, das tranças, do pescoço, das coxas, dos seios, das ancas da mulher como de alguma coisa de quente e de doce que lhe amacie, lhe excite e lhe aumente a voluptuosidade e gozo. O homem patriarcal se roça pela mulher macia, frágil, fingindo adorá-la, mas na verdade para sentir-se mais sexo forte, mais sexo nobre, mais sexo dominador."

Ainda sobre o lirismo amoroso dos românticos, leia-se o que escreveu Mário de Andrade em *O Aleijadinho e Álvares de Azevedo*, R. A. Editora, Rio, 1935, 2ª parte. Aí estuda o poeta paulista o tema que chamou de amor e medo, mostrando aliás que, salvo em Álvares de Azevedo, ele era "mais assunto poético que realmente sentido". No fundo, a mesma coisa que observou Gilberto Freyre: o sexo "forte" fingindo-se medroso para melhor dominar o sexo "fraco". Fingimento bem transparente em Casimiro.

Rio, setembro de 1936

MANUEL BANDEIRA

JOSÉ DE ALENCAR

(1829–1877)

José Martiniano de Alencar nasceu e criou-se em Macejana (Ceará). Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo. Entrando para a política, filiou-se ao Partido Conservador e representou a sua província natal em quatro legislaturas. No Gabinete de 16 de julho de 1868 ocupou a pasta da Justiça. Romancista sobretudo, distinguiu-se ainda como dramaturgo, comediógrafo, jornalista, político, crítico e jurisconsulto. Faleceu no Rio. Como poeta deixou o poema incompleto *Os filhos de Tupã*, que data de 1863 e pode ser lido na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, ano I, n° 2 (outubro de 1910).

OS FILHOS DE TUPÃ

CANTO 2º

VII

Da cascata em que o rio se debruça,
Ergue-se a calva negra de um penhasco
Plainando sobre as ondas. Ferve em torno
O grosso borbotão da branca espuma,
Alvas cãs de ancião que apenas cingem
O crânio já despido e nu dos anos.
Refrato n'água, o sol chispando os raios
Do turbilhão das águas surto e imóvel,
De fráguas eriçado, tal parece
Zombar do arrojo humano que o respeita.
Embora; na miragem da cascata
Sobranceiro destaca o vulto esbelto
De Paraci, a mãe do grande rio,
A senhora das águas, virgem chefe
Das donzelas guerreiras do Amazonas.

Sublime o talhe, à luz debuxa as formas
Da esplêndida beleza. Assoma o corpo
No fulgor que o desnuda isento e puro.

Do opulento cabelo, solto à brisa,
A nuvem negra ensombra a fronte excelsa.
Bombeiam-se as espáduas; surge altiva
A cerviz de ostentar nativo garbo.
Luxos de seiva exuberante arqueia
Túrgido o colo, e cobre como a vaga
Do oceano um abismo; os peitos saltam
Rompendo sob a derma que os constrange;
O purpúreo botão que a doce aragem
Titila, inda à babugem não se inclina
Da tenra prole, aponta ao lábio amante.
Lindos braços polidos se resvalam,
Abrem lascivo berço em moles curvas;
Que os vibre a ira, afogam, serpes rábidas,
A vítima imprudente que os irrite.
Pelo surco das vértebras ligeiras
Corre o dorso felino que se espasma
Como o tigre. A cintura aos flancos cerra
Da anca soberba os vólupes contornos.
Palpitante a voluta harmoniosa,
Modela a perna esbelta, firme, elástica,
No salto a corça, no deslize a garça.
Venéfica ternura de serpente
Soçobra-lhe a figura majestosa,
A que o sol não crestara a fresca alvura.
Os grandes olhos negros e profundos
Como túrbido mar, por noite cálida
Esfrofando em bolhões fosforescentes,
Se engolfam nos remoinhos do combate.
Vai-se-lhes a alma no olhar ardente fero
Que envolve o seu herói de um zelo estranho.
Uma das mãos aperta o arco insôfrega,
Outra à espádua retrai-se e colhe a flecha.
Curva a planta do pé sutil e breve
Prure a rocha, de alar-se impaciente
Arfa o seio precipite; aspirando

Enfuna-se a narina, e o lábio crespo
Afoga num sorriso o grito da ânsia
Que lhe ruge no peito, onde o recalca.¹

(Em *Revista da Academia Brasileira de Letras*, ano I, n° 2,
outubro de 1910, vol. I, p. 279-281.)

¹ V. nota no fim do volume: José de Alencar.

LUÍS GAMA

(1830–1882)

Luís Gonzaga Pinto da Gama nasceu na Bahia. Sua mãe era uma cativa africana; seu pai, português, vendeu-o como escravo no Rio a alguém que o revendeu para São Paulo. Aprendendo a ler com um estudante de Direito que residia na casa do seu senhor, fugiu e assentou praça no Exército em 48. Quando teve baixa, empregou-se como escrevente de cartório, depois foi amanuense do gabinete particular do Conselheiro Furtado de Mendonça e finalmente amanuense de polícia. Demitido deste cargo por causa de suas idéias políticas, passou a revisor do jornal *Ipiranga*. Notável foi o seu papel na campanha abolicionista: orador do Clube Radical Paulista, redator da folha *O Radical Paulista*, libertou, na sua atividade de advogado sem diploma, mais de 500 escravos. Obra poética: *Primeiras trovas*, publicadas sob o pseudônimo de Getulino, Rio, 1861.

A BODARRADA¹

*Quem sou eu? que importa quem?
Sou um trovador proscrito,
Que trago na frente escrito
Esta palavra — Ninguém! —*

A. E. ZALUAR. — *Dores e flores.*

Amo o pobre, deixo o rico,
Vivo como o Tico-tico;
Não me envolvo em torvelinho,
Vivo só no meu cantinho:
Da grandeza sempre longe
Como vive o pobre monge.
Tenho mui poucos amigos,
Porém bons, que são antigos,
Fujo sempre à hipocrisia,
À sandice, à fidalguia;
Das manadas de Barões?
Anjo Bento, antes trovões.
Faço versos, não sou vate,
Digo muito disparate,
Mas só rendo obediência
À virtude, à inteligência:

¹ “Quem sou eu?” foi o título dado pelo autor a esta sátira. Porém ela ficou conhecida pelo que aqui vai.

Eis aqui o *Getulino*
Que no plectro anda mofino.
Sei que é louco e que é pateta
Quem se mete a ser poeta;
Que no século das luzes,
Os birbantes mais lapuzes
Compram negros e comendas,
Têm brasões, não — das Calendas,
E com tretas e com furtos
Vão subindo a passos curtos;
Fazem grossa pepineira,
Só pela *arte do Vieira*²
E com jeito e proteções,
Galgam altas posições!
Mas eu sempre vigiando
Nessa súcia vou malhando
De tratantes, bem ou mal,
Com semblante festival.
Dou de rijo no pedante
De pílulas fabricante,
Que blasona arte divina,
Com sulfatos de quinina,
Trabuzanas, xaropadas,
E mil outras patacoadas;
Que, sem pinga de rubor,
Diz a todos, que é DOUTOR!³
Não tolero o magistrado,
Que do brio descuidado,
Vende a lei, trai a justiça
— Faz a todos injustiça —
Com rigor deprime o pobre,
Presta abrigo ao rico, ao nobre
E só acha horrendo crime

² *Arte de furto*: livro no tempo atribuído ao padre Antônio Vieira.

³ Está “doctor”.

No mendigo, que deprime.
— Neste dou com dupla força
Té que a manhã perca ou torça.
Fujo às léguas do lojista,
Do beato e do *sacrista* —
Crocodilos disfarçados,
Que se fazem muito honrados,
Mas que, tendo ocasião,
São mais feros que o Leão.
Fujo ao cego lisonjeiro,
Que, qual ramo de salgueiro,
Maleável, sem firmeza,
Vive à lei da natureza;
Que, conforme sopra o vento,
Dá mil voltas num momento.
O que sou, e como penso,
Aqui vai com todo o senso,
Posto que já veja irados
Muitos lorpas enfunados,
Vomitando maldições
Contra as minhas reflexões.
Eu bem sei que sou qual Grilo,
De maçante e mau estilo;
E que os homens poderosos,
Desta arenga receosos,
Hão de chamar-me — tarelo,
Bode, negro, Mongibelo;
Porém eu que não me abalo,
Vou tangendo o meu badalo
Com repique impertinente,
Pondo a trote muita gente.
Se negro sou, ou sou bode,
Pouco importa. O que isto pode?
Bodes há de toda a casta,
Pois que a espécie é muito vasta...
Há cinzentos, há rajados,

Baios, pampas e malhados,
Bodes negros, *bodes brancos*,
E, sejamos todos francos,
Uns plebeus, e outros nobres,
Bodes ricos, bodes pobres,
Bodes sábios, importantes,
E também alguns tratantes.
Aqui, nesta boa terra,
Marram todos, tudo berra;
Nobres Condes e Duquesas,
Ricas Damas e Marquesas.
Deputados, senadores,
Gentis-homens, veadores;
Belas Damas emproadas,
De nobreza empantufadas;
Repimpados principotes,
Orgulhosos fidalgotes,
Frades, Bispos, Cardeais,
Fanfarrões imperiais,
Gentes pobres, nobres gentes,
Em todos há *meus parentes*.
Entre a brava *militança*
Fulge e brilha alta *bodança*;
Guardas, Cabos, Furriéis,
Brigadeiros, Coronéis,
Destemidos Marechais,
Rutilantes Generais,
Capitães-de-mar-e-guerra,
— Tudo marra, tudo berra. —
Na suprema eternidade,
Onde habita a Divindade,
Bodes há santificados,
Que por nós são adorados,
Entre o coro dos Anjinhos
Também há muitos bodinhos. —
O amante de Siringa

Tinha pêlo e má catinga;
O deus Mendes, pelas contas,
Na cabeça tinha pontas;
Jove quando foi menino,
Chupitou leite caprino;
E, segundo o antigo mito,
Também Fauno foi cabrito.
Nos domínios de Plutão,
Guarda um bode o Alcorão;
Nos lundus e nas modinhas
São cantadas as bodinhas:
Pois se todos têm *rabicho*,
Para que tanto capricho?
Haja paz, haja alegria,
Folgue e brinque à bodaria;
Cesse, pois, a matinada,
Porque tudo é *bodarrada!*

(*Primeiras trovas burlescas de Luís Gama (Getulino)*, 3ª edição, São Paulo, 1904, editores João Rosa e Antônio dos Santos Oliveira, p. 110-114.)

JUVENAL GALENO

(1836–1931)

Juvenal Galeno da Costa e Silva nasceu e faleceu em Fortaleza (Ceará). Depois de alguns estudos de humanidades, fez-se agricultor. Foi deputado à Assembléia de sua província e inspetor de instrução do distrito em que residia. Poeta e contista, toda a sua produção se inspira na vida popular cearense e se situa entre a poesia dos cantadores de desafios e a poesia culta. Obra poética: *Prelúdios poéticos*. Rio, 1856; *A machadada*, Fortaleza, 1860; *Porangaba*, Fortaleza, 1861; *Lendas e canções populares*, Fortaleza, 1865; *Lira cearense*, Fortaleza, 1872.

CAJUEIRO PEQUENINO

Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flor,
À sombra das tuas folhas
Venho cantar meu amor,
 Acompanhado somente
 Da brisa pelo rumor,
 Cajueiro pequenino,
 Carregadinho de flor.

Tu és um sonho querido
De minha vida infantil,
Desde esse dia... me lembro...
Era uma aurora de abril,
 Por entre verdes ervinhas
 Nascestes todo gentil,
 Cajueiro pequenino,
 Meu lindo sonho infantil.

Que prazer quando encontrei-te
Nascendo junto ao meu lar!
— “Este é meu, este defendo,
Ninguém mo venha arrancar!” —
 Bradei e logo cuidadoso,
 Contente fui te alimpar.
 Cajueiro pequenino,
 Meu companheiro do lar.

Cresceste... se eu te faltasse.
Que de ti seria, irmão?
Afogado nestes matos,
Morto à sede no verão...

Tu que foste sempre enfermo
Aqui neste ingrato chão!
Cajueiro pequenino.
Que de ti seria, irmão?

Cresceste... crescemos ambos,
Nossa amizade também;
Eras tu o meu enlevo,
O meu afeto o teu bem;

Se tu sofrias... eu, triste,
Chorava como... ninguém!
Cajueiro pequenino,
Por mim sofrias também!

Quando em casa me batiam,
Contava-te o meu penar;
Tu calado me escutavas,
Pois não podias falar:

Mas no teu semblante, amigo,
Mostravas grande pesar,
Cajueiro pequenino,
Nas horas do meu penar!

Após as dores... me vias
Brincando ledó e feliz
O — tempo-será — e outros
Brinquedos que eu tanto quis!

Depois cismando a teu lado
Em muitos versos que fiz...
Cajueiro pequenino,
Me vias brincar feliz!

Mas um dia... me ausentaram...
Fui obrigado... parti!
Chorando beijei-te as folhas...
Quanta saudade senti!
 Fui-me longe... muitos anos
 Ausente pensei em ti...
 Cajueiro pequenino,
 Quando obrigado parti!

Agora volto, e te encontro
Carregadinho de flor!
Mas ainda tão pequeno,
Com muito mato ao redor...
Coitadinho, não cresceste
Por falta do meu amor,
Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flor.

*(Lendas e canções populares, 2ª edição, Ceará, 1892,
Gualter R. Silva, editor, p. 78-80.)*

CASIMIRO DE ABREU

(1839–1860)

Casimiro José Marques de Abreu nasceu na fazenda Indaiáçu, perto de Barra de São João (Estado do Rio). Fez os estudos no colégio de Nova Friburgo. Em 53 partiu para Portugal e lá se demorou quatro anos. Voltando ao Brasil, trabalhou no comércio, até ser acometido da tuberculose pulmonar, a que sucumbiu. A crítica tem exagerado os senões da linguagem e métrica do poeta fluminense, senões que são contraditórios em todos os outros românticos. A recente edição das suas poesias pelo prof. Sousa da Silveira veio fazer justiça ao mais ingênuo dos nossos líricos. Obra poética: *Camões e o Jau*, cena dramática, Lisboa, 1856; *As primaveras*, Rio, 1859.

AMOR E MEDO

I

Quando eu te fujo e me desvio cauto
Da luz de fogo que te cerca, oh! bela,
Contigo dizes, suspirando amores:
“— Meu Deus! que gelo, que frieza aquela!”

Como te enganas! meu amor é chama
Que se alimenta no voraz segredo,
E se te fujo é que te adoro louco...
És bela — eu moço; tens amor — eu medo!...¹

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silêncio ou vozes,
Das folhas secas, do chorar das fontes,
Das horas longas a correr velozes.

O véu da noite me atormenta em dores,
A luz da aurora me intumesce os seios,
E ao vento fresco do cair das tardes
Eu me estremeço de cruéis receios.

¹ Na edição de Souza da Silveira, *medo* vem apenas seguido de reticências. Guiamo-nos, neste ponto, pela edição príncipe de *As primaveras*.

É que esse vento que na várzea — ao longe,
Do colmo o fumo caprichoso ondeia,
Soprando um dia tornaria incêndio
A chama viva que teu riso ateia!

Ai! se abrasado crepitasse o cedro,
Cedendo ao raio que a tormenta envia,
Diz: — que seria da plantinha humilde
Que à sombra dele tão feliz crescia?

A labareda que se enrosca ao tronco
Torrara a planta qual queimara o galho,
E a pobre nunca reviver pudera,
Chovesse embora paternal orvalho

II

Ai! se eu te visse no calor da sesta,
A mão tremente no calor das tuas,
Amarrotado o teu vestido branco,
Soltos cabelos nas espáduas nuas!...

Ai! se eu te visse, Madalena pura,
Sobre o veludo reclinada a meio,
Olhos cerrados na volúpia doce,
Os braços frouxos — palpitante o seio!...

Ai! se eu tivesse em languidez sublime,
Na face as rosas virginais do pejo,
Trêmula a fala a protestar baixinho...
Vermelha a boca, soluçando um beijo!...²

Diz: — que seria da pureza d'anjo,
Das vestes alvas, do candor das asas?

² Pejo, beijo: V. nota no final do volume: Gonçalves Dias. 3.

— Tu te queimaras, a pisar descalça,
 — Criança louca, — sobre um chão de brasas!

No fogo vivo eu me abrasara inteiro!
 Ébrio e sedento na fugaz vertigem
 Vil, machucara com meu dedo impuro
 As pobres flores da grinalda virgem!³

Vampiro infame, eu sorveria em beijos
 Toda a inocência que teu lábio encerra,
 E tu serias no lascivo abraço
 Anjo enlodado nos paus da terra.

Depois... desperta no febril delírio,
 — Olhos pisados — como um vão lamento,
 Tu perguntaras: — qu' é da minha c' roa?...⁴
 Eu te diria: — desfolhou-a o vento!...

Oh! não me chames coração de gelo!
 Bem vês: traí-me no fatal segredo.
 Se de ti fujo é que te adoro e muito,
 És bela — eu moço; tens amor, eu — medo!...

Outubro — 1858.

(*Obras de Casimiro de Abreu*, edição anotada por Sousa da
 Silveira, Companhia Editora Nacional, 1940, p. 219-
 221.)

MEUS OITO ANOS

Oh! souvenirs! printemps! aurores!

V. HUGO.

Oh! que saudades que tenho
 Da aurora da minha vida,

³ *Vertigem, virgem*: rima imperfeita, encontrada em quase todos os românticos.

⁴ V. nota no fim do volume: Gonçalves Dias 2.

MACHADO DE ASSIS

(1839–1908)

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu e faleceu no Rio, donde nunca se ausentou. De origem humilde, instruiu-se por si e empregou-se na livraria de Paula Brito, em cujo jornal *A Marmota* publicou as suas primeiras produções. Mais tarde trabalhou como tipógrafo na Imprensa Nacional, como redator no *Diário Oficial*, e em 73 entrou para a Secretaria da Viação, onde chegou a chefe da Contabilidade. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, cuja presidência ocupou até a morte. Poeta, romancista, contista, comediógrafo, crítico e jornalista. Obra poética: *Crisálidas*, Rio, 1864; *Falenas*, Rio, 1870; *Americanas*, Rio, 1875; *Poesias completas*, contendo os três livros anteriores e mais *Ocidentais* já publicadas, em grande parte, nos anos de 79 e 80, na *Revista Brasileira*.

VISIO

Eras pálida. E os cabelos,
Aéreos, soltos novelos,
Sobre as espáduas caíam...
Os olhos meio cerrados
De volúpia e de ternura
Entre lágrimas luziam...
E os braços entrelaçados,
Como cingindo a ventura,
Ao teu seio me cingiam...

Depois, naquele delírio,
Suave, doce martírio
De pouquíssimos instantes,
Os teus lábios sequiosos,
Frios, trêmulos, trocavam
Os beijos mais delirantes,
E no supremo dos gozos
Ante os anjos se casavam
Nossas almas palpitantes...

Depois... depois a verdade,
A fria realidade,
A solidão, a tristeza;
Daquele sonho desperto,
Olhei... silêncio de morte

Respirava a natureza —
Era a terra, era o deserto,
Fora-se o doce transporte,
Restava a fria certeza.

Desfizera-se a mentira;
Tudo aos meus olhos fugira;
Tu e o teu olhar ardente,
Lábios trêmulos e frios,
O abraço longo e apertado,
O beijo doce e veemente;
Restavam meus desvarios,
E o incessante cuidado,
E a fantasia doente.

E agora te vejo. E fria
Tão outra estás da que eu via
Naquele sonho encantado!
És outra — calma, discreta,
Com o olhar indiferente,
Tão outro do olhar sonhado,
Que a minha alma de poeta
Não vê se a imagem presente
Foi a visão do passado.

Foi, sim, mas visão apenas;
Daquelas visões amenas
Que à mente dos infelizes
Descem vivas e animadas,
Cheias de luz e esperança
E de celestes matizes;
Mas, apenas dissipadas,
Fica uma leve lembrança,
Não ficam outras raízes.

Inda assim, embora sonho,
Mas, sonho doce e risonho,

Desse-me Deus que fingida
Tivesse aquela ventura
Noite por noite, hora a hora,
No que me resta de vida,
Que, já livre da amargura,
Alma, que em dores me chora,
Chorara de agradecida!

(1864)

(*Crisálidas*, B. L. Garnier, Rio 1864, p. 35-38.)

NOIVADO

Vês, querida, o horizonte ardendo em chamas?
Além desses outeiros
Vai descambando o sol, e à terra envia
Os raios derradeiros;
A tarde, como noiva que enrubesce,
Traz no rosto um véu mole e transparente;
No fundo azul a estrela do poente
Já tímida aparece.

Como um bafo suavíssimo da noite,
Vem sussurrando o vento,
As árvores agita e imprime às folhas
O beijo sonolento.
A flor ajeita o cálix: cedo espera
O orvalho, e entanto exala o doce aroma;
Do leito do oriente a noite assoma
Como uma sombra austera.

Vem tu, agora, ó filha de meus sonhos,
Vem, minha flor querida;
Vem contemplar o céu, página santa
Que amor a ler convida;